



CORPO DE DELITO

Isaltino e Angelina

O problema pode estar no facto de a leveza ou mesmo a frivolidade se estenderem a muitos ou, às vezes, a todos os meios de comunicação social



Rui Patrício

Que título pateta – pensará o leitor menos tolerante, interrogando-se sobre qual será a graçola ou a metáfora de gosto duvidoso que virá aí. Que têm em comum Isaltino Morais e Angelina Jolie? – interrogar-se-á o leitor mais benévolo, dando o benefício da dúvida. Responde o cronista que não vem aí graçola nem metáfora. E que Isaltino e Angelina, que se saiba, nada têm em comum, a não ser a cobertura noticiosa de episódios da vida de cada um. E é isso que justifica que os amarre no título da prosa. Poderiam ser outros, mas foram os seus casos que ocorreram a quem escreve. Isaltino Morais, há umas semanas, foi preso, em cumprimento de uma decisão judicial. Matéria relevante – parece-me – para ser noticiada. Mas, depois, entrámos num caleidoscópio de even-

tos noticiosos (digamos assim), em vários meios de comunicação social (de diferentes géneros e feitios), sobre temas como: em que prisão estava, como fora, o que sentira, se fumava, se não fumava, se lia ou não, se via TV, se era visitado, se não, se seria transferido, e como, *et cetera*. Quanto a Angelina Jolie, soube-se, há pouco tempo, que tirara os seios, para evitar um tumor maligno provável causado por uma alteração genética. Matéria relevante – parece-me – para ser noticiada, quanto mais não seja porque o exemplo de alguém tão conhecido é importante e formativo. Mas, depois, entrámos num caleidoscópio de eventos noticiosos (digamos assim), em vários meios de comunicação (de diferentes géneros e feitios), sobre questões como: saber se o marido lhe dera apoio ou não, o que sentira ela, se ficara mais bonita ou menos, o que pensarão os filhos, porque se zangou há muito com o pai, o que viveu a mãe, *et cetera*. E tudo – tal como aconteceu com os episódios relativos à prisão de Isaltino Morais – com inúmeras primeiras páginas e vários minutos de prime time, e não apenas em meios de comunicação social tidos por mais leves

ou mesmo frívolos; não, em muitos, e de diferentes géneros e feitios. Mas tem algum problema, afinal, haver meios de comunicação social mais leves ou mesmo frívolos? Penso que não. Penso que deve haver espaço para tudo e para todos. O problema pode estar – parece-me – no facto de a leveza ou mesmo a frivolidade se estenderem a muitos ou, às vezes, a quase todos ou a todos os meios de comunicação social. E isso pode ser um problema por duas razões. Uma, porque rouba espaço e tempo para temas menos leves ou frívolos. Outra, porque cria o hábito da leveza e da frivolidade, ou mata a reflexão e a profundidade. Tem de haver espaço e tempo para coisas fáceis, divertidas, superficiais. Mas também para as outras. Nem tudo é entretenimento. E – tal como o colorau não é realmente pimentão – entretenimento não é realmente informação. Isaltino e Angelina não são casos únicos. Há outros, muitos, em que o picante, o fait divers, a coscuvilhice, a anedota ou o apontamento dramático ou jocoso alastram e conquistam espaço – muito, às vezes quase todo. E isso não tem graça, é triste. *Advogado. Escreve ao sábado*



A difícil separação entre informação e entretenimento